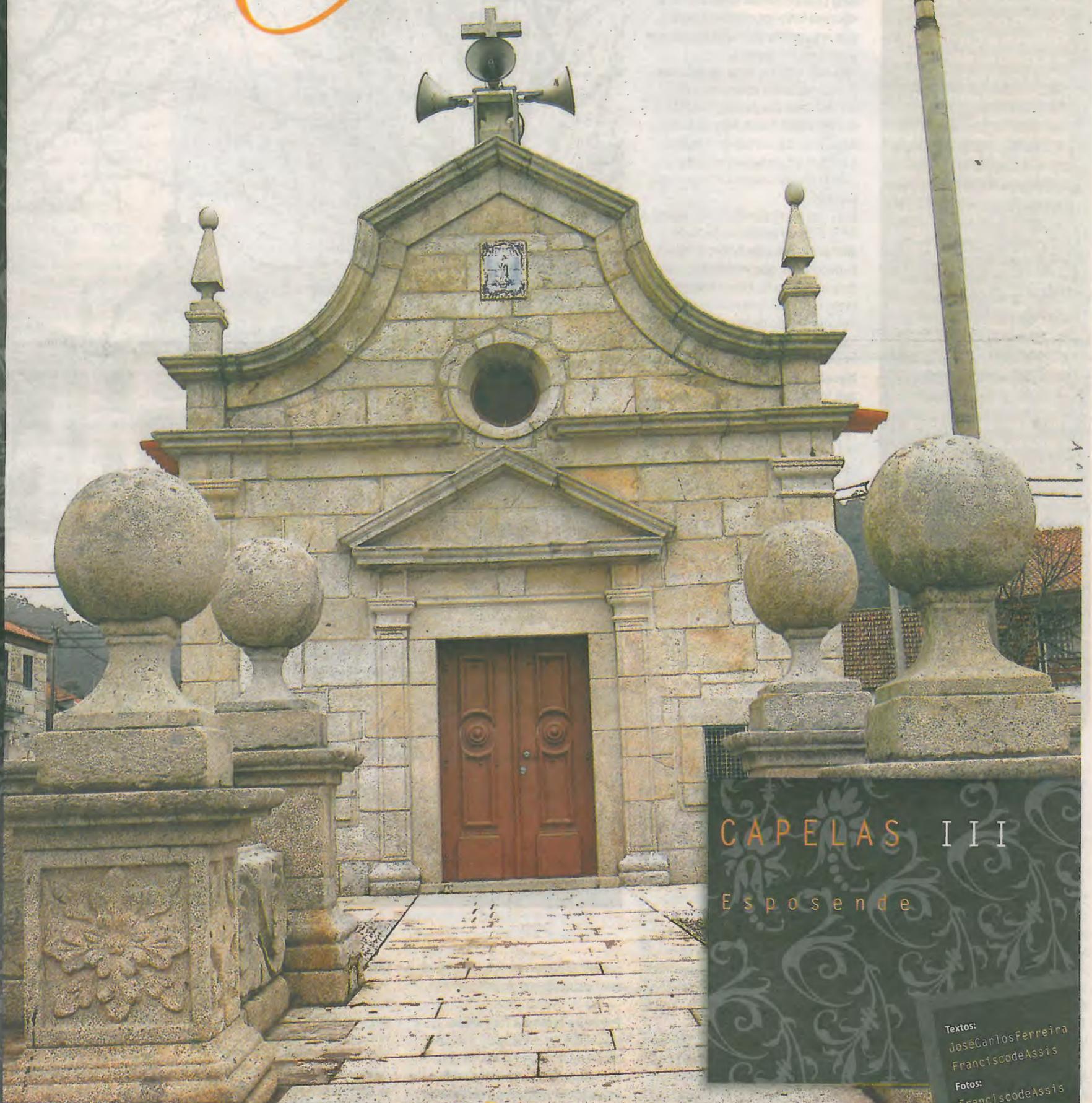


4 DE ABRIL DE 2008
Diário do Minho

Este suplemento faz parte
da edição n.º 28094
de 4 de Abril de 2008,
do jornal Diário do Minho,
não podendo ser vendido
separadamente.

Património



CAPELAS III

Esposende

Textos:
José Carlos Ferreira
Francisco de Assis
Fotos:
Francisco de Assis



Introdução

Esta edição do suplemento "Património", "Capelas III", é dedicada exclusivamente às capelas das Marinhas, em Esposende. Trata-se de uma freguesia especial, com uma tremenda rivalidade entre os lugares, espelhada sobretudo nas capelas. Cada lugar tem a sua capela, extremamente bem cuidada, com o seu "cruzeiro local" e as festas dos padroeiros rivalizam-se com muitas festas paroquiais, incluindo, curiosamente, a das Marinhas. O sentimento de pertença em relação às capelas é muito forte, superior ao sentimento em relação à igreja paroquial.

Se ninguém condena o zelo às capelas, já é mais censurável alguma indiferença em relação à igreja paroquial e a às actividades nela realizadas. Aliás, o pároco, padre Avelino, tem lutado para que os fiéis das Marinhas, sem descuidarem as suas capelas, tenham mais orgulho e sentimento de pertença também em relação à igreja.

Hoje vamos abordar as seguintes capelas: S. Roque, no lugar de Góios; S. Sebastião, em Cepães, possivelmente o lugar da primitiva igreja paroquial; S. João, no Monte de S. João; Nossa Senhora das Neves, Imaculado Coração de Maria e Senhora da Paz, no lugar de Rio de Moinhos, sendo que estas duas últimas são particulares; e ainda Senhora da Saúde, no Outeiro; e São Bento, no lugar de Pinhote. Cada uma com a sua história e com as suas festas. A mais antiga e artisticamente mais valiosa é a Senhora das Neves.

Na freguesia das Marinhas, a capela de S. João, situada no lugar do Monte, é uma das mais recentes, tendo sido edificada nos primeiros anos do século XX no local onde existia umas alminhas com alpendre. Segundo o autor da obra "Marinhas - Monografia histórico-religiosa", comemorativa do I Encontro de Sacerdotes e Religiosos das Marinhas, em 1982, esta capela foi «construída à volta de 1915» e, por volta de 1950, «foi mudada de lugar e recuada uns quarenta metros, para poder beneficiar dum adro fronteiro». Já nos anos 80, a capela de S. João foi sujeita a grandes obras de beneficiação, para as quais contribuíram todas as pessoas do lugar do Monte. Fernando Amori foi um dos muitos habitantes que ali trabalharam para

Nicho no lugar do Monte deu lugar à capela de S. João

dignificar o pequeno templo. Fernando Amori recorda que, naquela altura, a capela estava bastante degradada. «Ela estava muito mal. A cobertura estava a cair e foi tudo refeito. Aproveitaram-se as paredes e meteu-se uma cobertura em betão. O chão também foi mudado. O chão era em madeira que já estava toda podre», afirma. O próprio altar-mor era feito em madeira simples, sem arte, tendo sido substituído por um painel de azulejos.

Segundo explica, estas obras foram sendo realizadas conforme a disponibilidade das pessoas. Muitos dos trabalhos foram feitos à noite, depois do dia normal de trabalho, e aos fins de semana, com a particularidade dos materiais terem sido oferecidos.

Uma das particularidades da capela de S. João é a predominância de elementos em granito profusamente decorados, que embelezam este pequeno templo. Para o historiador Manuel Albino Penteadado Neiva, isto tem uma razão de ser. «É que este é um lugar de canteiros, isto é, de homens que trabalham só a pedra. Não são pedreiros, são canteiros que trabalham a pedra a limpo», explica.

Assim, nesta capela é possível encontra-se trabalhos de canteiros famosos, como Álvaro Ribeiro, que era da família dos Labristas, autores de inúmeras peças espalhadas pelo Norte do país, entre as quais os famosos e artísticos mausolés do cemitério de Fão. «Nos séculos XVIII e XIX, este lugar tinha um nome muito específico. Era o lugar da Galega, porque vieram muitos galegos para aqui trabalhar como canteiros, como é o caso de Tibúrcio da Igreja, que trabalhou na igreja de Belinho», afirma Manuel Albino Penteadado Neiva.

Mais tarde, acrescenta, aconteceu o contrário. Uma grande parte dos habitantes deste lugar foi para a Suécia trabalhar. «As grandes obras da Suécia em termos de granito foram feitas quase todas por famílias desta área», realça. Hoje, estas famílias continuam nesse país nórdico e, a segunda geração já não segue as pisadas dos seus pais, trabalhando a pedra, mas encontra-se empregada pela grande marca sueca de automóveis, a Volvo.

Mas, voltando à capela de S. João, agora a população do lugar quer voltar a intervir neste pequeno templo, para voltar a substituir o chão. A ideia é retirar o pavimento cerâmico para colocar granito.

Numa análise à fachada da capela, Manuel Albino Penteadado Neiva sustenta que «ela está assim construída porque, certamente, as pessoas viram um desenho e organizaram-na num neo-maneirismo». «Tem a porta, como elemento estrutural da fachada, e depois encontramos quatro pequenos janelões bem alinhados, ao bom estilo maneirista, e um frontão de-



Na noite de S. João, o adro da capela enche-se com objectos que são "roubados" pelos jovens

corado, já quase barroco. Ou seja, há aqui um ecletismo de arte», afirma.

Primeira festa da freguesia

Nas Marinhas, a festa de S. João, no dia 24 de Junho, é a primeira que se realiza na freguesia, marcando o arranque das romarias que se fazem nos diversos lugares. «As pessoas daqui não se deslocam aos outros lugares para pedir para a festa de S. João», afirma Fernando Amori. Segundo refere, uma parte do dinheiro é angariado nos peditórios, mas a

grande parte da verba para as festividades é conseguida durante todo o ano a trabalhar. «Uma pessoa que entra na comissão, sabe que tem um ano de trabalho», salienta. Fernando Amori realça que o momento alto da festa de S. João é a noite de 23 para 24 de Junho. Todos os anos há as marchas de S. João, onde todas as pessoas do lugar participam em grupos, que são apreciados pelos forasteiros que vêm de fora. Uma tradição que se perdeu, por falta de condições, foi a fogueira de S. João, que hoje

já não se faz por falta de espaço. Em contrapartida, a tradição de se "roubar" na noite de S. João continua bem viva. Nessa noite, os jovens não vão à cama para trazerem para o pequeno adro da capela tudo o que lhes aparece pela frente. «Há casais que não saem daqui, e eu até sou um deles, porque, se eu estiver aqui, sei que a minha casa não é "roubada". Eu vou vendo as coisas a chegar. Caso contrário, no outro dia tenho que vir buscar ao adro as minhas coisas», conta Fernando Amori.

Capela de S. Bento construída por casal de Barcelos

A capela de S. Bento, no lugar de Pinhote, na freguesia das Marinhas, foi mandada construir no século XVIII por um casal de Barcelos.

Sendo hoje um templo pertencente à população, a verdade é que esta capela manteve-se no domínio particular até ao século XX. Segundo Teotónio da Fonseca, na sua obra "Espozende e o seu Concelho", editada em 1936, a capela de São Bento, nesse ano, era «particular» e pertencia a Amélia Ribeiro Lima da Costa Azevedo.

O autor da obra "Marinhas – Monografia histórico-religiosa", comemorativa do I Encontro de Sacerdotes e Religiosos das Marinhas, em 1982, conta que a «sua erecção deveu-se a Pascoal Gomes de Aguiar e a sua mulher D. Brígida Maria Pimentel, da vila de Barcelos, que a quiseram edificar para serviço de Deus e veneração do glorioso S. Bento, no lugar de Pinhote, numa quinta que aí possuíam». É de realçar que este casal era proprietário da Quinta do Seminário da Silva, em Barcelos, onde também mandou construir uma capela dedicada a S. Bento. A mesma fonte refere ainda que «as formalidades da escritura e outras para a obtenção da licença do Arcebispo bracarense decorreram desde, pelo menos, 12 de Outubro de 1728 até Janeiro de 1735».

A razão para que as formalidades se prolongassem tanto no tempo, acrescenta o autor, foi devido ao facto do dote ter sido considerado que não era suficiente para manter a capela, um pormenor que era de grande importância para a Arquidiocese de Braga que pretendia, desta forma, que os novos templos não acabassem abandonados e sem condições para o culto.

«Como o primeiro dote era pequeno, constava de 60\$000 réis, e devia ser maior, tiveram de fazer os fundadores nova escritura notarial acrescentando-lhe mais sete rasas de trigo», salienta o autor.

Para o responsável por esta investigação, estas informações sobre a fundação desta capela beneditina, «permitem deduzir duas importantes conclusões e de especial interesse», ou seja, «a enorme devoção do povo a S. Bento e o facto de a função não se dever directamente às ordens monásticas beneditinas».

Devoção estende-se para além da freguesia

Aliás, o historiador Manuel Albino Penteadado Neiva é de opinião que a devoção a S. Bento, nesta sua capela em Pinhote, ultrapassa os limites da freguesia das Marinhas. «Esta é uma das devoções que extravasa o



Altar-mor da capela de S. Bento



A capela de S. Bento foi edificada no século XVIII



As obras mantiveram a traça original da capela

aro geográfico da freguesia e que se estende para as freguesias vizinhas. Existe ainda hoje a tradição, embora cada vez menos, da devoção dos romeiros. Num passado recente, era usual as pessoas apegarem-se a S. Bento e depois, para paga da promessa, vinham em romaria», afirma. Segundo explica, «cada romeiro chamava nove crianças e, durante o caminho, rezavam o Terço e orações ao S. Bento». «Quando chegavam, faziam a romaria à volta da capela e depois havia o tradicional lanche, com o pirolito, que era uma bebida muito tradicional, e uma sandes de marmelada», acrescenta.

Hoje, salienta o historiador, ainda há muitos devotos que cumprem as suas promessas vindo das suas freguesias a pé até à capela de S. Bento. Contudo, a tradição dos romeirinhos, assim são chamadas as nove crianças acompanhantes de cada romeiro, é cada vez mais rara ver-se.

Entretanto, e voltando à história da capela de S. Bento, verifica-se, pelo Livro das Visitações, que este pequeno templo estava um pouco degradado nos finais do século XVIII, o que levou o visitador a exigir que se realizassem obras.

Segundo o autor da obra "Mari-

nhas – Monografia histórico-religiosa», «em capítulo de visita de 21 de Junho de 1797, capitulou-se aos seus administradores que no termo de seis meses mandassem reformá-la de telhados, forros, paramentos e de tudo o mais que fosse necessário para nela se poder celebrar com a devida decência e que, enquanto assim se não cumprisse, se houvesse por suspensa *ipso facto*, devendo o pároco, no termo de oito dias, tirar a imagem de S. Bento e colocá-la na igreja até as obras se cumprirem».

Já no inquérito de 1845, acres-

centa a mesma fonte, a capela de S. Bento é descrita como estando segura, mas indecente para nela se poder celebrar e que não tinha paramentos, sendo a sua fábrica por conta de Joaquim de Aguiar Pimenta Carneiro, de Santa Maria de Vermoim, em Famalicão. Hoje, a capela de S. Bento, que foi objecto de obras recentemente, está muito bem conservada, havendo, no entanto, algumas infiltrações de água no local dos painéis vitrais quando chove. É de salientar a introdução de alguns elementos arquitectónicos novos que se juntaram à traça primitiva da capela.

TRÊS ALTARES RENASCENÇA E UM BREVE PAPAL COM CONTA

Capela da Senhora das Neves é artisticamente muito rica

A capela de Nossa Senhora das Neves, no lugar de Rio de Moinhos, é, porventura, além da mais antiga das Marinhas, a mais rica do ponto de vista artístico, possuindo uma conta emoldurada num breve papal, ratificado por mais dois papas. Tudo indica que houve mudança de orago, de Senhora de Monserrate para Senhora das Neves.

Ainda assim, segundo os autores do livro "Marinhas – Monografia histórico-religiosa", no século XV já havia devoção a Senhora das Neves na freguesia, mas desconhece-se se seria naquela localidade. Uma mudança que terá acontecido no dealbar do século XVII, aquando da escritura de doação de bens para a fábrica da capela.

«Creio que a actual capela da Senhora das Neves começou por estar dedicada à Senhora de Monserrate, e que depois se mudou o seu orago por deslocação do culto da Senhora das Neves para ela», revelam. Na origem da mudança estará Pêro Rodrigues e Catarina Pires, que fizeram a escritura no dia 12 de Outubro de 1603. Contudo, a capela só terá ficado concluída em 1604, altura em que o arcebispo de Braga D. Frei Agostinho de Jesus concedeu a licença para nela se rezar missa.

Entre outras notícias sobre a capela, destaque para o quadro de indulgências concedidas pelo Papa Adriano VI, que também benzeu as contas, onde ainda hoje os fiéis tocam quando entram na capela. O documento está emoldurado, com a referida conta. Estes privilégios ou graças foram concedidas pelo Papa Adriano VI, em 1523 e confirmadas pelo Papa Urbano VIII, em meados do século XVII. O texto foi escrito em Janeiro de 1697. A título de curiosidade, refira-se que Adriano VI era holandês, e foi o último papa não italiano antes do polaco João Paulo II. Em Julho de 1697, a capela recebeu o visitador, que fez uma série de recomendações aos zeladores, nomeadamente em relação às imagens e às alfaias religiosas.

Na publicação pode ler-se que «esta capela é a de maior valor artístico, com três altares no estilo renascença». Contudo, será uma renascença com influências barrocas.

Capela imponente e o brilho da pedra

O historiador Manuel Albino Penteadado Neiva destaca a imponente do templo, assim como a sua arte, principalmente no interior, não só pelos três bons altares, artisticamente ricos, mas também pela qualidade das imagens. «Este lugar de Rio de Moinhos é um dos mais antigos da freguesia, já refe-



> O altar-mor da capela é artisticamente rico



> A riqueza pétrea de Rio de Moinhos espelhada na capela



> As pessoas entram e tocam na conta, juntamente com um breve papal

rençado nos documentos medievais. A imponente desta capela reflecte-se quer na arte quer na antiguidade e na dimensão do lugar que é uma autêntica freguesia».

As razões da monumentalidade terão que ver com a riqueza do local, mas também porque Rio de Moinhos é um lugar de exploração de pedra. Daí a riqueza na construção e na balaustrada. Basta ver o adro, também ele imponente e bem decorado, com todo o esplendor e o poder da pedra. «Está no sopé do monte de onde saiu grande parte da pedra para muitas ou-

tras construções.

A sua importância está também na presença do Santíssimo. «Não é devoção só a Senhora das Neves. É um privilégio ter Santíssimo. Tem identidade própria. Aliás, Marinhas tem uma série de identidades, com valores próprios, realidades distintas da mesma freguesia».

Trata-se de uma capela com utilização diária, com oração do terço e missa semanal, não dominical. «Apesar de alguma distância, continuamos a ir à igreja paroquial e acho muito bem», explicou Carlos

Areias, da comissão de obras.

Segundo este responsável, as pessoas têm orgulho e sabem da importância da sua capela. «A nós compete-nos zelar por ela e pensamos que está bastante estimada. Brevemente vai ter vitrais novos. Já estão encomendados e terão motivos agrícolas, nomeadamente o milho e o vinho. Há dois anos foram feitas obras do tecto ao pavimento. A traça foi mantida, incluindo o pavimento», explicou. A versão que Carlos Areias sabe da fundação da capela é que foi man-

dada construir por um navegante que, no meio de uma tempestade, prometeu erguer uma ermida se se salvasse. «Não sabemos se a Senhora de Monserrate ou se a Senhora das Neves. Esse navegante, como se safou, cumpriu a promessa. Não se sabe bem de onde era».

A festa desta localidade realiza-se a 5 de Agosto. É uma festa bonita, famosa, com procissão, missa solene, sermão e novena. Já é assim há séculos. «Antigamente vinham as melhores bandas de música do país. Agora vêm as boas bandas».

Capela da Senhora da Saúde

é recente mas a devoção é intensa

A capela da Senhora da Saúde das Marinhas é relativamente recente, tendo sido construída em 1849 e, no final do século XIX, 1889, foi reconstruída e ampliada. Aliás, como gostam os investigadores, estas datas estão gravadas no frontal deste pequeno templo. Trata-se, por isso, de uma capela relativamente recente, mas a devoção à padroeira, Senhora da Saúde, é muito intensa e, provavelmente, a mais concorrida festa das Marinhas.

A publicação "Marinhas - Monografia histórico-religiosa", da autoria de vários sacerdotes naturais da freguesia, publicado em 1982, por ocasião do I Encontro de Sacerdotes e Religiosos das Marinhas, explica que a fundação deste espaço sagrado deveu-se a uns 15 ou 16 devotos desta Senhora, nas Marinhas.

«Fizeram e edificaram a capela e lheram os bens para seu património, como consta da escritura feita em 28 de Janeiro de 1849, na casa de Joaquim Lopes de Miranda, aonde veio o tabelião de Esposende». O documento acrescenta que a capela já existia nessa data, mas tudo indica que estaria mesmo a acabar de ficar pronta. Aliás, o Inquérito de 1845 não faz qualquer referência a ela.

Entretanto, como os devotos não tinham um património certo, o desembargador promotor da cúria de Braga não aceitou a escritura. Por isso, a capela acabou por ficar sob a responsabilidade do padre Manuel Rodrigues D'Área, da freguesia de Marinhas, que doou cinco propriedades de mato e pinheiros, no valor de 183 réis. A escritura foi feita no dia 17 de Abril de 1849. A sentença favorável chegou no dia 26 de Julho desse ano. 40 anos mais tarde foi reconstruída e ampliada, com acrescentos nomeadamente na parte da capela-mor. Em 1953, Manuel P. Laranjeira, Gracinda C. Miranda e Joaquim Moreira, emigrantes no Brasil, ofereceram a imagem de pedra que está no nicho frontal exterior. Também tem o seu cruzeiro e fontanário.

Manuel Albino Penteadó Neiva, historiador de Esposende, traça um interessante retrato sócio-religioso das Marinhas, realçando a devoção, mas também as rivalidades, por vezes levadas ao extremo. «É uma terra com muitas devoções. Não há lugar que não tenha a sua capela, que não tenha a sua festa. A devoção é arreigada dos populares de cada um dos lugares. Penso que a grande devoção das Marinhas é a Senhora da Saúde. É uma constatação, sem qualquer menosprezo para as outras festas».

Esta rivalidade, nem sempre é saudável, porque há exageros e ninguém gosta de perder influência ou território. «Cada lugar tenta ser melhor que o vizinho. Até nos gastos exagerados. As pessoas querem mostrar e nem vão pedir aos lugares vizinhos. Conseguem arranjar verbas e fazer uma festa digna e de honra da sua padroeira».

O investigador chama a atenção para a rivalidade entre as festas da Senhora da Saúde, em Esposende e as das Marinhas. «Em termos de devoção, as Marinhas ganha, embora saibamos que em Esposende também a festa é rica, com a devoção dos pescadores», analisou.

Esposende aproveitou a imagem que Marinhas rejeitou

Recorde-se que a festa da Senhora da Saúde, em Esposende, é recente, entre finais do século XIX e princípios do século XX. E nasceu na sequência da rejeição de uma imagem da Senhora da Saúde para a capela das Marinhas, que não foi aceite nem pelos responsáveis nem pela população. A rejeição da imagem teve que ver com a dimensão. Trata-se, de facto, de uma imagem enorme. Por outro lado, não é fácil a troca de imagens. Há sempre alguma rejeição porque as pessoas estão afeiçoadas àquela imagem, têm apego a ela por razões sentimentais. Assim, o autor ofereceu-a à Junta da Paróquia de Esposende. Aliás, este episódio foi contado na edição "Capelas I". «Pode-se dizer, por isso, que o culto da Senhora da Saúde de Esposende filia-se no da Senhora da Saúde das Marinhas», refere Penteadó Neiva. Segundo este historiador, estes episódios não deixam de reflectir o espírito, umas vezes benéfico outras vezes doentio, que é a rivalidade das populações do concelho.

Em relação às Marinhas e Esposende, a situação piora por razões históricas. É bom não esquecer que Esposende era um lugar das Mari-



> Rosto da Capela da Senhora da Saúde, no Outeiro

nhas que acabou por se emancipar e superiorizar-se à terra mãe, tornando-se sede de concelho. Sentiu-se, de certa forma, ferida no seu or-

gulho. No entanto, a rivalidade tem tendência a diluir-se, entre outras razões, porque Marinhas faz parte integrante de Esposende. O mesmo

não acontece em relação à paróquia de Santa Maria dos Anjos. A festa da padroeira realiza-se no dia 15 de Agosto.



> As datas da construção e reconstrução da capela



> Altar-mor, com a padroeira, Senhora da Saúde

PADROEIRO É PROTECTOR CONTRA A PESTE E ADVOGADO DOS CIRURGIÕES

Secular capela de S. Roque ganha nobreza com intervenção

A capela de São Roque, no lugar de Góios, é uma capela de dimensões razoáveis, com vários séculos de história. Actualmente, está a ser intervencionada, uma remodelação que deve ficar concluída até ao final deste mês ou início de Maio. Certo é que, este ano, as festividades de S. Roque, marcadas para Julho, serão em casa nova, com outra dignidade, nobreza e mais conforto para os fiéis daquela localidade e para os romeiros.

Não são muitos os dados sobre a Capela de São Roque. A maior parte da informação é retirada do livro "Marinhas, monografia histórico-religiosa", da autoria de vários sacerdotes das Marinhas, publicado em 1982, por ocasião do I Encontro de Sacerdotes e Religiosos das Marinhas.

De acordo com esta publicação, no Registo Geral iniciado no primeiro quartel do século XVI, com o arcebispo de Braga, D. frei Agostinho de Jesus, nada consta sobre a capela de S. Roque. Por isso, presume-se que seja mais antiga. «Creio que se deve ter fundado até ao século XIV ao XVI, por devoção ou voto dos moradores em virtude de ser advogado contra a peste, que tão frequentemente atormentava e dizimava as freguesias, tal como aconteceu em 1600».

Os autores dão exemplos de Forjães, em Esposende; Mesão Frio, em Guimarães; Garfe, na Póvoa de Lanhoso, São Gens de Montelongo e Vila Cova, ambas em Fafe; Carvalhos, em Paços de Ferreira, todas no norte do país e que foram fortemente atacadas pela peste pequena, proveniente da Flandres, «através da Espanha, que durou de 1598 a 1603».

De facto, São Roque é o padroeiro dos inválidos e dos cirurgiões e protector da peste. A capela terá sido feita posteriormente ou durante a "invasão" da epidemia, como forma de agradecimento, ou então para pedir protecção do santo. Aliás, nessa altura surgiram muitas capelas dedicadas a S. Roque, bem como a S. Sebastião, também ele protector contra a peste.

O próprio São Roque terá sido vítima da peste, numa prisão ou em algum local ermo, conforme as várias versões sobre a sua biografia. Na sua representação iconográfica aparece como um peregrino, acompanhado de um cão que lhe lambe as chagas. Um animal que, além de aliviar a dor das feridas, também alimentava-o com pão e água, se-



> Imagem do padroeiro, peregrino, com o seu cão

gundo a lenda.

As suas relíquias estarão em Veneza, na famosa igreja seiscentista "Scuola Grande Di San Rocco", decorada pelo famoso pintor da Renascença, Tintoretto, pseudónimo de Jacopo Robusti.

Pavimento e altares intervencionados

De acordo com o livro dos sacerdotes acima citado, o costumeiro das Marinhas, de 1715, refere-se a S. Roque, como tendo confraria e festa. É mais um dado que mostra a antiguidade deste pequeno templo e da sua devoção. Mais recentemente, no Inquérito de 1845, diz-se que a capela «estava segura e decente para se poder celebrar nela, que tinha paramentos necessários e que a fábrica era por conta da confraria do mesmo santo, nela erecta».

António Mota, empreiteiro e pertencente à Comissão de Obra, disse ao *Diário do Minho* que o objectivo da obra é melhorar a parte eléctrica, que estava deteriorada, bem como os altares que já davam sinais de de-

terioração, por causa da humidade. Por isso, também houve intervenção no telhado que metia água. No pavimento, a tijoleira foi substituída por granito da região. «A ideia é tentar ir ao mais antigo possível. É uma intervenção bastante cara, perto dos 50 mil euros. Para um lugar é bastante, mas o pessoal está a aderir bem. Esta capela é a menina dos olhos deste lugar e, diariamente, as pessoas gostam de vir ver como estão a decorrer os trabalhos», exemplificou.

A festa religiosa de S. Roque celebra-se no dia 16 de Agosto. No entanto, em Góios, a festa realiza-se no último domingo de Julho ou no primeiro domingo de Agosto. Uma forma de aproveitar também a presença de muitos emigrantes, também eles devotos do protector das pestes.

António Mota confirma que já não se fazem as feiras de gado nem as outras tradições como antigamente, mas a festa continua a atrair muita gente. «A peste acabou, mas ainda há muita gente agarrada ao S. Roque».



> Frente da capela de S. Roque



> Todos os lugares têm o seu cruzeiro. Góios não é excepção

Capela de S. Sebastião pode estar no local da antiga igreja matriz

A capela de S. Sebastião, situada no lugar de Cepães, poderá estar, na opinião dos investigadores, no local onde foi construída a primeira igreja matriz da freguesia das Marinhas. Entre os documentos analisados por Franquelim Neiva Soares, que sustentam um trabalho elaborado por este historiador que foi publicado no livro "Marinhas – Monografia histórico-religiosa", existe um, datado de 1145, que se refere concretamente a esta igreja de Cepães, que deverá ter sido de estilo românico, e ao templo de Gandra. Nesse escrito medieval pode ler-se "Archiepiscopus recepit medietatem tritici (...) et ecclesie de Zopanes (...) et est statutum quod in ecclesia de Gandera et de Zopanes pontificale jus spectet".

Desta forma verifica-se que a freguesia das Marinhas, com a designação de "Zopanes", isto é, Cepães, já existia no século XII e possuía a sua "ecclesie". E, segundo o que escreveu Franquelim Neiva Soares no seu trabalho de investigação, «é de presumir que» essa igreja «se situasse no lugar de Cepães, provavelmente, onde hoje se situa a capela de S. Sebastião, a uns escassos 250 metros da actual igreja paroquial» e, «o seu orago já era S. Miguel, o que é claríssimo nos documentos do final do século XI e de 1174».

«Posteriormente é que se teria feito a capela de S. Sebastião, de grande devoção no povo, não fosse o advogado contra a peste, a fome e a guerra, tão frequentes nesses tempos», acrescenta.

No capítulo dedicado às capelas da freguesia das Marinhas, o autor do texto afirma, por sua vez que, «se se aceitar os dados da tradição, segundo a qual esta capela se situa no local da primeira igreja paroquial, no lugar de Cepães, estaremos talvez perante a capela mais antiga da freguesia».

Na opinião deste mesmo autor, a longevidade da capela de S. Sebastião pode mesmo atestar-se «pela falta dos documentos da sua fundação e dotação no Registo Geral de Braga». Por outro lado, recorda a mesma fonte, o culto a S. Sebastião é também ele muito antigo, recorrendo-se à intercessão deste santo contra a peste, a fome e a guerra, flagelos que atormentaram as populações até aos princípios do século XIX. É sabido que, em 1358, a paróquia de Gandra foi anexada à das Marinhas exactamente por causa dos efeitos da peste nesta freguesia. «O seu abade ou reitor Bernardo de Molendino expôs ao arcebispo D. Guilherme a situação muito precária da igreja de Cepães por causa dos infinitos encargos que tinha de suportar, mas que não podia satisfazer por razão da mortalidade e das areias do mar que invadiram a terra», afirma Franquelim Neiva Soares, acrescentando que a solução encontrada pelo prelado foi anexar, no temporal e



> A capela de S. Sebastião está junto à estrada de Esposende para Viana



> A capela foi alvo de obras em 1839

espiritual, Gandra às Marinhas. No que diz respeito à capela de S. Sebastião, o Livro de Usos e Costumes refere-se, em 1715, a este pequeno templo, a sua festa e à confraria de S. Sebastião como coisas existentes e aceites, afirma o autor do capítulo sobre as capelas no livro "Marinhas – Monografia histórico-religiosa". Segundo refere, «no inquérito de 1845 escreveu-se que a capela estava segura e decente, que tinha os paramentos necessários e que a sua fábrica era por conta da confraria do mesmo santo, nela erecta»

Capelas mais recentes nas Marinhas

Para além das capelas constantes neste suplemento, existem ainda, pelo menos, outras duas na freguesia das Marinhas que, apesar de serem mais recentes, merecem também ser aqui referidas.

Uma delas é a capela do Coração de

Maria, que é particular, e foi construída nos finais do século XIX em bloco com a casa, pelo padre José Rodrigues d'Areia, não havendo nela qualquer festa.

Segundo o que é descrito no livro "Marinhas – Monografia histórico-religiosa", «o padre Cubelo serviu-se dela para actos paroquiais durante algum tempo, nos fins de 1920-1921, enquanto a matriz das Marinhas esteve interdita».

A outra é a capela da Senhora da Paz que, segundo a mesma fonte, está situada no alto do monte de Rio de Moinhos e é a mais recente de todas. Este pequeno templo «deve-se a uma promessa do padre Anselmo de Boaventura Rego, por ocasião da Segunda Guerra Mundial». O sacerdote prometeu que, caso o conflito não atingisse Portugal, erguia a capela, cumprindo o seu compromisso entre 1946 e 1948, a expensas suas, com pouca ajuda, num terreno oferecido.



> Imagem de Nossa Senhora da Paz cuja capela fica em Rio de Moinhos



> A capela de S. Bento, no lugar de Pinhote, foi recentemente alvo de obras de recuperação, tendo sido introduzidos alguns elementos decorativos novos, como os painéis vitrais.



> A devoção a S. Bento, no lugar de Pinhote, vai para além das fronteiras geográficas da freguesia das Marinhãs. As pessoas entregam na capela os ex-votos para agradecer a S. Bento a graças que lhes são concedidas.



> A capela de S. Roque, no lugar de Góios, está neste momento a ser restaurada. Uma das intervenções foi a substituição do chão, que era em tijoleira e passa a ser em granito. A comissão conta ter a capela pronta em finais deste mês de Abril.



> Na capela de S. João, no lugar do Monte, o retábulo do altar-mor, em madeira, sem arte significativa, foi substituído por um painel cerâmico. Neste pequeno templo são notórias as peças em granito elaboradas pelos canteiros deste lugar.



> O granito é um elemento fortemente presente, em termos arquitectónicos, na capela de Nossa Senhora das Neves, situada no lugar de Rio de Moínhos. No seu interior encontram-se três altares, no estilo renascença, que merecem ser apreciados.



> No nicho da fachada da capela da Senhora da Saúde, em Outeiro, está uma imagem em pedra que foi oferecida em 1953 por Manuel C. Laranjeira, Gracinda C. Miranda e Joaquim Moreira.